



A BOLA

VLADAN KOVACEVIC
ASSINOU PELO **SPORTING** ATÉ 2029
COM CLÁUSULA DE RESCISÃO DE €60 M

“**TENHO BONS
REFLEXOS,
SOU FORTE
NAS SAÍDAS
E SEGURO
NA BALIZA**”

ASSIM SE DEFINE
O GUARDA-REDES
BÓSNIO

ano

p. 12 a 14



➔ Rúben Amorim telefonou a Ioannidis
para convencer o avançado grego a rumar a Alvalade



FC Porto p. 10, 11 e 32

VÍTOR BRUNO
ASSINA ATÉ 2026
E É APRESENTADO
AMANHÃ

➔ Pepe de saída, dragões
de olho em Faye, central
de 19 anos do Barcelona

Benfica p. 7 a 9

PAVLIDIS
CONTROLADO

➔ Adeptos encarnados
pressionam ponta de lança
grego nas redes sociais

João Neves
lançado para discutir
o Golden Boy

seleção p. 2 e 3

Jogadores
aprendem
a salvar...
vidas



Europeu de sub-17

Portugal perde final
com Itália (0-3)

p. 25

Bola ao centro



Os tempos em que
o crime organizado
operava como
o Al Capone já lá vão

Emanuel Medeiros

→ Emanuel Macedo de Medeiros, CEO Global da Sport Integrity Global Alliance (SIGA), esteve no Conselho de Estádio, onde não só fez um ponto de situação quanto aos problemas de integridade com que o Desporto se debate, como fez luz sobre a intervenção cada vez mais alargada da instituição que lidera na luta pela erradicação da fraude...

por
VÍTOR SERPA e JOSÉ MANUEL DELGADO

VÍTOR SERPA (VS) — Ao longo destes anos na presidência da SIGA, que balanço pode fazer sobre a influência que teve no que diz respeito à integridade e à credibilidade do desporto em geral e do futebol em particular?

EMANUEL MACEDO DE MEDEIROS — Temos afirmado, de uma maneira serena, sóbria, sem exuberâncias, mas também sem tibiezas, uma nova maneira de ver, uma nova perspectiva, um novo paradigma no desporto à escala mundial. Um paradigma que assenta no reconhecimento da inestimável função que o desporto desempenha: uma função desportiva, social, cultural e também económica. Mas, mais do que isso, porque é sabido que o desporto é um catalisador que contribui de maneira decisiva para o diálogo entre os povos e a estabilidade entre as nações, num momento como este que estamos a atravessar, creio que o desporto pode e deve fazer mais do que tem vindo a ser feito. E, para isso, tem de ser íntegro e credível.

VS — Como surgiu a SIGA?

— Foi em 2015, na sequência de um escândalo que abalou os alicerces reputacionais do desporto à escala mundial: o FIFAgate. Mas, era algo que já estava na minha cabeça desde 2014. Já passaram nove anos desde que o mundo despertou em sobressalto para este polvo gigantesco, para o qual eu e uns poucos outros — e vocês, inclusive —, já tinham vindo a chamar a atenção, denunciando com coragem muitas das práticas de risco a a infiltração de indivíduos sem escrúpulos e organizações opacas que se serviam deste *cluster* (pois, mais do que uma indústria, é um *cluster*), para satisfazer os seus interesses. Julgo



«A SIGA é uma organização independente, que vive do contributo dos seus membros, feito de forma adequada, proporcional e equitativa»

que ninguém foi apanhado verdadeiramente de surpresa.

JOSÉ MANUEL DELGADO (JMD) — Mas o seu percurso no Desporto não começou na SIGA...

— Pois não. Sou advogado de formação. No futebol, fui eleito pela primeira vez em 1993. Vinte e tal anos mais tarde, depois de uma carreira internacional intensa e de, por opção própria, ter deixado a liderança das Ligas Europeias e das Ligas Mundiais, e de ter cessado todos os cargos executivos que desempenhava, quer no futebol, quer na União Europeia, quer no Conselho da Europa e em muitas outras instituições, senti, por razões pessoais, depois do falecimento do meu pai, a necessidade de voltar ao ringue. Como eu conhecia a realidade do desporto, em particular do futebol, sabia dos seus pontos fortes e do seu indelével valor, mas também das suas vulnerabilidades e das suas fraquezas. Estava numa condição privilegiada para poder identificar áreas que necessitavam de reformas, e procurar mobilizar todos os contactos que tinha — e não eram poucos — para criar uma frente unida.

VS — Houve então uma conjugação de vontades...

— Sim. Assumi este enorme desafio no exercício de uma militância cívica, sem pensar nas dificuldades ou nas adversidades, mas animado por um propósito: se tenho conhecimentos, se tenho os contactos, se tenho dois braços e duas pernas e um cérebro ativo, eu tinha que fazer algo para resgatar o futebol e a indústria circundante da lama para onde estavam a ser arrastados. Lembrem-se que havia primeiras páginas e aberturas de telejornais a falar nos vários escândalos e que no dia

27 de maio de 2015 foram detidos 15 dirigentes da FIFA, num caso que não se circunscreveu a futebol? Atletismo, basquetebol, boxe, sumo, *wrestling*, rãguebi, assim como empresas que operavam na comercialização e na sponsorização do sistema também foram engolidos por este turbilhão. E o que era preciso fazer? Era preciso criar uma frente unida, uma entida-

→ Continua na pág. 16

EMANUEL MEDEIROS

«FBI deu a pedrada no charco na ação pública do FIFAgate»

→ Continuação da pág. 15

de que pudesse federar os contribuintes de todos, mas que se posicionasse, como costume dizer, acima das nuvens, com equidistância, de forma independente, neutra, e orientada para as reformas.

JMD — E isso aconteceu como?

— Curiosamente, pouca gente saberá disso, o pontapé de saída foi dado em Lisboa. Convidei várias organizações, em fevereiro de 2015, para discutir, de facto, o futuro do desporto e criar uma espécie de liga inter-regional — com a América Latina, com a Ásia, com a Europa, com a América do Norte... — e trazer todas as organizações para o debate. Esse encontro teve lugar no Palácio Foz e nele participou toda a gente que tinha, de facto, músculo e credenciais para dar um impulso decisivo.

JMD — Como conseguiu que esta organização tivesse conquistado credibilidade internacional?

— Uma coisa é dar o passo, outra é avançar com determinada ideia e, depois, concretizá-la. E isso foi feito, conseguindo que as várias organizações direta e indiretamente ligadas ao desporto acreditassem que esta organização podia levar a cabo a tarefa. Apresentámos uma visão moderna, desempoeirada e reformista, orientada para a ação e focada nos resultados. Tenho 31 anos de atividade na linha da frente da indústria do desporto, em vários domínios. As pessoas sabem que, quando me comprometo com algo, cumprio. E liderar pelo exemplo significa, de facto, estar preparado para isso.

VS — Quais foram os primeiros passos dados?

— A primeira atitude que tive — depois de uma conferência que organizámos em Genebra, a seguir à de Lisboa, em setembro de 2015, onde mais uma vez congregámos os principais *players* — foi apanhar o avião e ir aos Estados Unidos, falar com o Departamento de Justiça, dizer quem era, ao que vinha, e quais eram os meus propósitos. Não fui pedir autorização, nem pedir ajuda. Fui apenas declarar, para registo de interesses, o que nós íamos fazer, e o que me tinha sido pedido por um conjunto grande de *stakeholders*. Expliquei que não se tratava de uma atitude panfletária, mas, de facto, de criar um movimento global e independente, comprometido com reformas.

JMD — O Departamento de Justiça dos Estados Unidos foi o músculo de que o Desporto precisava para abanar a árvore e fazer cair os frutos que já estavam podres?

— A pedrada no charco foi efetivamente dada pelo Departamento

«A SIGA desenvolveu um sistema independente que mete medo a

de Justiça, através do FBI, nessa ação que foi pública e notória em Zurique, e que pôs a nu, após um longo torpor, um longo adormecimento, aquilo que era já alvo de comentários. Era impossível ignorar o ambiente de má governança, de abuso, de opacidade nos fluxos financeiros, que, tirando partido da evolução financeira do desporto, visavam intentos menos aconselháveis. Mas, para além do Departamento de Justiça, houve intervenção do Departamento de Estado, da Segurança Interna e do Conselho do Presidente dos Estados Unidos para o Desporto, com quem assinei um primeiro acordo de cooperação em 2017, o qual tenho vindo renovar com todas as presidências dos Estados Unidos. A Comissão Europeia também esteve sempre connosco. Foi, aliás, a primeira instituição que acolheu a reunião inaugural do grupo de especialistas que constitui para elaborar os *standards* universais sobre a integridade no desporto. Tivemos apoio de todas as grandes instituições.

JMD — Sendo a SIGA uma organização não governamental, do ponto de vista da sustentabilidade financeira vive dos doadores e dos membros?

— Sim. A SIGA é uma organização independente, como ficou estabelecido logo na sua Assembleia Geral Constitutiva, no dia 31 de janeiro de 2017. Colocou-se a questão de saber como íamos ter recursos e músculo financeiro para desenvolver a nossa agenda, e estabeleceu-se logo aí um sistema muito claro, consensual, baseado no princípio de que cada membro contribuiria segundo as suas possibilidades, de acordo com os seus orçamentos, e de forma adequada, proporcional e equitativa.

VS — Olhemos para Portugal. Neste momento a SIGA tem alguma hierarquização dos problemas de transparência e credibilidade no nosso desporto?

«
O Benfica não poderia existir se não tivesse o Aves, o Vizela ou o Rio Ave para competir

— Existem alguns problemas graves na área desportiva em Portugal. Mas é importante reconhecer, que o desporto em Portugal, e o futebol em particular, têm dado passos de gigante em relação àquilo que encontrei em 1993, quando assumi pela primeira vez um cargo dirigente no Desporto deste país. Estou a falar, por exemplo, das infraestruturas, com estádios modernizados, do regime jurídico das sociedades anónimas desportivas, dos regimes jurídicos das federações, que têm sido renovados de forma recorrente. E também da certificação dos clubes formadores, que já vinha com atraso desde 1998. É inegável que o avanço é extraordinariamente positivo.

JMD — Mas há fraquezas?

— Sim, de facto, há debilidades. Um dos grandes entraves tem sido a polarização financeira. Continuamos a ter três clubes que aglutinam o caudal das receitas geradas, num negócio que é propriedade de todos eles. O Benfica não poderia existir se não tivesse o Aves, o Vizela ou o Rio Ave para competir.

VS — Acredita na venda centralizada dos direitos televisivos, nos moldes em que está que está prevista?

— Fui a primeira pessoa neste país a bater-se pela comercialização centralizada. Reconheço que existem várias *nuances*, várias tendências, várias opiniões e várias dinâmicas. Mas, do ponto de vista conceptual, eu penso que não há dúvidas. Onde é que está a fonte do sucesso da Premier League? Está no facto de, em 1992, ter emergido, um pouco contra a vontade da Football Association, a comercialização centralizada dos direitos televisivos. E logo no primeiro ano lucraram, salvo erro, 90 milhões de libras. Hoje sabemos quanto a Premier League arrecada. E não falo apenas da comercialização interna, mas também da comercialização internacional. E isto, olhando para Portugal, sempre me fez muita confusão. Como é que é possível nós termos um país economicamente débil, uma demografia de 10.5 ou 10.8 milhões de habitantes, lutarmos, ano após ano, época após época, para ombrear com os melhores da Europa, e negligenciarmos uma fonte de receita de excelência proveniente da comercia-

«
Os Governos devem ter como prioridade a salvaguarda da integridade no desporto

lização centralizada dos direitos gerados pelas nossas competições? Como é que é possível perder a galinha dos ovos de ouro? A Premier League divide o dinheiro *interno* de forma equitativa em função de três critérios — quem ganha, quem vai à Europa e depois o pelotão final —, enquanto os proventos dos direitos internacionais são repartidos em partes iguais. E o que é que isto significa? Significa a expressão de uma solidariedade financeira que explica porque é que alguns clubes emergem e há rotatividade no topo da classificação...

JMD — Partem do princípio muito norte-americano de que a indústria do desporto só tem sucesso se houver equilíbrio competitivo...

— Qualquer espetáculo que não seja competitivo e equilibrado perde o interesse. Ao contrário do que se passa nas empresas, onde se assiste a uma luta no mercado que pode levar à extinção dos concorrentes, no futebol é diferente. O futebol é um fenómeno de interdependências. Um clube não existe no vácuo. Existe porque há outros clubes que formam uma liga, que criam um produto, que organizam uma competição. É aí que está o valor. Nunca vi nenhum setor prosperar com navalhadas verbais, com jogos de lama, com permanentes ataques e suspeições. Como é que se vai valorizar um setor destes? Neste momento, em que assistimos a uma renovação geracional, espero e desejo que também haja uma renovação de mentalidades.

VS — Em Portugal tivemos, recentemente, problemas complicados ao nível dos jovens jogadores que foram trazidos para o nosso País em condições que se tornaram precárias. A SIGA tem também como preocupação a proteção dos menores?

— Sim, muito. Temos uma visão consolidada, amadurecida, trabalhada, que ataca todos os problemas na sua raiz. Por isso, funcionamos

com um conjunto de *standards* universais sobre boa governança, isto é, a forma como as organizações se regem e funcionam, em obediência a princípios democráticos, com normas de anticorrupção, respeito pela diversidade, pela inclusão e promovendo a equidade de género. Este é o primeiro pilar. Depois, segundo pilar, a integridade financeira, que tem a ver com os fluxos financeiros, com a credibilidade e as credenciais dos investidores, com a jurisdição e com a supervisão nesses domínios. Isto abrange a titularidade do capital social das sociedades desportivas, as transações financeiras relacionadas com as transferências de jogadores, comercialização de direitos televisivos e contratos de patrocínio... porque em Portugal não há um concurso público para o patrocínio desportivo.

JMD — Em Portugal não está prevista, sequer, a figura do mecenas desportivo...

— Fez bem em falar sobre o mecenato desportivo, pois é uma área muito importante ligada às políticas públicas e que também merece um olhar atento. Mas, se me permite,



«Queremos que o Desporto seja tratado com d

ma de 'rating' muita gente»»

só para concluir o meu raciocínio... Temos um terceiro pilar, que é o da integridade das apostas desportivas. Aí, fomos das primeiras entidades, talvez mesmo a primeira, a providenciar um conjunto de *standards* universais que, se cumpridos, podem constituir a *bala de prata* neste domínio. E o último pilar é relacionado com a formação e a proteção de jovens atletas. E aí, volto a dizer, um caso que seja de tráfico de jogadores, de abuso de jogadores, é um caso a mais, e é inaceitável. Estive há dez anos no Brasil a chamar a atenção para a necessidade de prevenir e atacar um triângulo vicioso entre Brasil, porta de escoamento da América Latina, Portugal, porta de entrada na Europa, e África. Esse triângulo continua ativo e tem de ser combatido sem quartel por todas as autoridades, instituições desportivas e clubes. E, mais uma vez, nós respondemos a isso com um conjunto de *standards* universais, que nos dão a estratégia para poder evitar e prevenir este mal. Mas, deixe-me dizer, já que falei em Portugal e Brasil, que a realidade é incomparável. Apesar de termos debilidades, é evidente que demos um salto qualita-

tivo. Lembro-me, ainda estava eu na Liga de Clubes, de escrever ao então presidente da FPF, Gilberto Madaíl, e ao vice-presidente Amândio de Carvalho, a alertar para a necessidade de termos regulamentação federativa que aprovasse os critérios para certificação dos clubes formadores, sob pena de — sublinhei — todos os contratos de formação serem juridicamente inexistentes. Por isso, felicito Fernando Gomes, porque quando chegou à Federação foi um dos primeiros problemas que atacou, e é isso que explica que hoje, em Portugal, tenhamos cerca de 700 clubes formadores devidamente certificados. Em contraste, no Brasil, onde há apenas 56 clubes formadores certificados. Ora, isso também dá nota, não apenas do bom trabalho que tem vindo a ser feito em Portugal — e eu não ignoro que há muito mais para fazer —, mas que há ainda muito mais para fazer no Brasil, pátria do *jogo bonito*, que alimentou com as suas *canteras* os plantéis dos clubes por essa Europa e mundo fora.

VS — O match-fixing é mais fácil nas modalidades individuais?

— Creio que o *match-fixing* se

aproveita mais facilmente da vulnerabilidade das modalidades individuais, como o ténis, o ténis de mesa, o judo, ou o boxe, que são muito mais vulneráveis à ação de predadores que visam manipular a verdade desportiva, coagindo os atletas, para tirar dividendos a partir daí.

JMD — E em relação ao racismo?

— O racismo é uma das expressões mais abjetas que a humanidade inventou, e deve ser combatida sem tréguas na sociedade em geral e também no desporto. Tenho acompanhado todas as boas ações, quer ao nível das organizações nacionais, quer internacionais, e não ponho em causa a seriedade dos propósitos, nem o compromisso das vozes liderantes nesse espaço. Mas, de facto, nós não estamos a ganhar. O racismo tem de ser combatido com tolerância zero, e também com formação, educação, e capacitação permanentes. Não pode ser visto como uma prioridade conjuntural. Tem de ser visto como uma prioridade estrutural. Em conjunto com os nossos membros, estamos a preparar-nos para lançar um programa, não apenas de combate e prevenção ao racismo, com outras entidades internacionais, mas também de prevenção da manipulação de resultados e de competições. É uma ação especialmente destinada aos jovens atletas, que são os mais vulneráveis. Quando criei a SIGA, foi para termos uma voz positiva, uma mensagem construtiva, orientada para a ação. Estamos disponíveis para trabalhar com todos. Mesmo aque-



Nunca vi nenhum setor prosperar com navalhadas verbais, jogos de lama e permanentes suspeições

les que infringiram a lei, porque acreditamos no poder da redenção. Logo, não fazemos juízos de valor, nem prosseguimos políticas de terra queimada. Já contactei o presidente da Liga Portugal, vou também contactar a breve trecho o presidente da FPF, e quero ter uma conversa, olhos nos olhos, com os presidentes dos principais clubes em Portugal.

JMD — O professor Manuel Brito, presidente da ADOp, aqui no Conselho de Estádio, disse que só 10% do doping é apanhado, tratando-se apenas da ponta do icebergue, o resto não é apanhado, porque normalmente o doping está à frente do antidoping por menos um ano. No match-fixing, aquilo que se apanha chega aos 10%?

— Em relação ao *match-fixing*, eu lembro-me que tive a oportunidade, ainda antes da pandemia, de manifestar a minha preocupação, e cheguei mesmo a indicar que 80% dos operadores de apostas que atuam a nível mundial, situam-se em zonas negras ou cinzentas, sem regulação, sem licenciamento, no quadro da maior opacidade, sem controle, sem supervisão, e sem escrutínio sobre os fluxos financeiros. E quando um *cluster* representa, como sucedia em 2019, entre 3 a 5 triliões de dólares por ano de dinheiro movimentado em apostas desportivas, estamos a falar de muito dinheiro e de um mercado global. Os tempos em que o crime organizado operava com metralhadoras em punho, como o Al Capone, esses tempos já lá vão. Hoje em dia há muitas e diversificadas formas, mais sofisticadas, de as entidades criminosas se infiltrarem em setores legítimos da sociedade e economia.

VS — Falou do Brasil...

— No Brasil há uma legislação recente, que dá resposta, dentro do possível, a muitas das preocupações da SIGA. Porém, 80% dos operadores de apostas não estão licenciados no Brasil, mas em paraísos como Curaçau. Qual é o escrutínio, qual é a supervisão? Como é que se pode garantir a idoneidade do sistema? Esse é um desafio que lanço às autoridades, porque há muito em jogo.

JMD — Como se chegou a este ponto?

— Primeiro, por falta de visão es-

tratégica. Segundo, falta de liderança dos governos, que têm um mandato para cumprir e devem zelar pelo interesse público. Isto não se faz com cimeiras internacionais e pomposas proclamações, como já testemunhei várias vezes, em que os governantes se sentam a ler um discurso escrito por um qualquer assessor, e vão-se embora depois de tirar a fotografia da praxe. Nós queremos resultados. Os governos têm de estabelecer como prioridade a salvaguarda da integridade no desporto, porque se trata de um setor económico e social que não pode ser negligenciado. E isso deve começar logo na orgânica do governo, que tem que ter um ministro do desporto.

VS — Em que ponto pensa que estamos?

— Quando temos fundos de investimento que nos entram pela porta dentro, que emergem como cogumelos em toda a parte do mundo, vamos esperar que o IPDJ escrutine as credenciais desses investidores, as suas fontes e o odor deste dinheiro, através de uma declaração assinada, «sob compromisso de honra» pelos próprios a dizer, «eu juro pela minha honra que sou um bom rapaz e que cumprirei a lei»?! Estamos à espera do quê?! Nós queremos que o desporto em Portugal e em todo o mundo seja respeitado, tratado com dignidade, e que possa andar de cabeça erguida. Sem regulação adequada e efetivo escrutínio, contentamo-nos a imitar a orquestra do Titanic.

JMD — Mas esses problemas do desporto não são transversais à sociedade?

— Eu tenho perguntado que outro setor da atividade pode dar lições ao desporto, e especificamente ao futebol. É certo que o futebol tem feito muito mal a si próprio, tem sido não raro masoquista. Mas, quem pode dar-lhe lições? A banca? A política? Os partidos? As autarquias? Penso que temos que nos deixar de hipocrisias, encarar e reconhecer os problemas, e trabalhar em conjunto. E a sério. Esta é a hora da verdade.

VS — Esta mudança geracional nos dirigentes dos principais clubes em Portugal, como pode funcionar?

— Eu, com 31 anos disto, já vi muitas transições no futebol em Portugal. Já houve muitos *El Dorados*, gente a cantar *Novos Amanhãs* e promessas de ímpeto reformista. Precisamos, sobretudo, de uma nova cultura, uma nova mentalidade. Eu sou um homem de fé, que me guia em cada combate que travo. Mas as batalhas são ganhas antes de serem travadas. Se não acreditamos que as podemos vencer, é *game over*. Mas, atenção, não somos nós que



gnidade e possa andar de cabeça erguida. Sem regulação adequada e efetivo escrutínio, contentamo-nos a imitar a orquestra do Titanic...»

→ Continua na pág. 18

Emanuel Macedo de Medeiros com Ednaldo Rodrigues, presidente da CBF, após a assinatura do acordo de cooperação com a SIGA

→ Continuação da pág. 17

temos de expressar um voto de confiança a esta nova geração. São os dirigentes e os protagonistas que têm de fazer por isso e merecê-lo, para que se saiba, de facto, que estamos a entrar num novo ciclo. No que diz respeito à SIGA, estamos de pedra e cal, firmes e preparados para trabalhar com todos e ajudar no que for preciso.

JMD — Vê Portugal apetrechado para o escrutínio das várias formas de financiamento que vão chegando ao nosso país?

— Ou os clubes e todas as entidades envolvidas cumprem de forma escrupulosa a lei, ou o futuro do futebol vai ser determinado não pelos clubes, não pelas sociedades desportivas, não pelas Ligas e pelas Federações, mas sim pelas autoridades policiais e pelos tribunais. E quem diz em Portugal, diz em Espanha, diz em Itália, diz em França e por aí fora. Nós já identificámos os problemas, e temos de trabalhar nas soluções, com prazos, metas e resultados...

JMD — Mas isso não embate de frente na necessidade que os clubes têm de ganhar? Sabemos que em todas as modalidades há um campeonato e só ganha um. E há outro que é o último. E pelo meio torna-se, se calhar, difícil aos clubes darem a ênfase necessária ao lado ético...

— Não pode haver transigência. Sem verdade desportiva, o que é que temos? Nada. Nem negócio, nem receitas. A integridade é a mola propulsora e a fonte de alimentação de todo o potencial que a indústria do desporto tem para satisfazer as paixões populares. Já tivemos demais, em práticas de gestão de risco, nos últimos 30 anos, em clubes com o afã febril de conquistar o título, ou ir à Europa, a todo o custo. E conhecemos casos de emblemas que eram geridos de forma equilibrada e que, de um momento para o outro, resvalaram. O que é que é feito deles?

VS — E onde está a solução para os clubes portugueses?

— A formação de jovens atletas é uma alternativa que há muito se demonstrou viável. A vocação dos clubes portugueses não foi sempre formar bem, transferirem os atletas e encaixarem financeiramente para poderem reinvestir?

JMD — Mas depois não conseguimos dar o salto e competir com aqueles que não têm necessidade de vender...

— Sim, mas essa é a saída em Portugal. O problema maior a nível mundial é que, quanto mais o desporto se deve assentar em valo-



«Os tempos em que o crime organizado operava como o Al Capone já lá vão»

res e compromissos de éticos, mais a sociedades deles se afasta, arastando com ela o desporto.

JMD — Esta é uma sociedade que começa a ser preocupantemente populista?

— Eu convivo mal com os Torquemadas desta vida, aqueles que se arrogam uma posição de superioridade moral, apontam o dedo acusador e são rápidos a atirar pessoas e instituições para a fogueira. O que se passa à nossa volta deve convocar profunda preocupação. Vivemos num espaço comunitário que perdeu a pujança, significância política e está fragmentado. Saímos de uma pandemia com grande esforço e grande trauma para entrarmos numa guerra. O que o povo quer é estabilidade, paz e felicidade. E é isso que tem falhado. Temos líderes políticos inaptos, de uma fraqueza indescritível, que têm conduzido o mundo para o precipício, e que transformaram as instituições internacionais em *talking shops*, com zero influência.

VS — Nesse contexto, como é que a SIGA pode fazer diferente?

— Não é que a SIGA vá resolver os problemas do mundo. Não temos

essa missão salvífica, e ocupamos um espaço de atuação delimitado, mas queremos mudança. E para isso estamos determinados em implementar um sistema de *rating* independente. E isso se calhar mete medo a muita gente. Porque é que não adotam os *standards* universais da SIGA e se submetem a um escrutínio independente, que é o que faz a diferença? Eu vou fazer essa pergunta a todos.

JMD — Faz a diferença, para quem?

— Para a comunicação social, o adepto, o patrocinador, o governo, ou o operador televisivo, que quando investe o seu dinheiro, está também a investir a sua reputação. É preciso que sintam que esse investimento está em boas mãos e que a verdade desportiva

“**O ‘match-fixing’ aproveita-se mais facilmente das modalidades individuais**”

está acutelada. Quais são os patrocinadores que têm a integridade na sua lista de prioridades quando assinam um contrato de patrocínio? Eles estão na linha da frente. Investem alguma coisa na integridade no desporto? Alguns, muito poucos, talvez.

VS — Mas há já quem tenha essa preocupação?

— No início desta minha cruzada, o CEO de uma grande corporação dos Estados Unidos dizia-me que só havia uma coisa que lhe fazia perder o sono à noite: o dano reputacional. Ele sabia que, se patrocinasse aquele clube ou alguma Liga, e houvesse depois um escândalo ou uma notícia negativa, isso ia rebentar-lhe a reputação e os acionistas e consumidores iam pedir-lhe satisfações e haveriam consequências no mercado. Como aconteceu quando eu estava, a 27 de maio de 2015, em Washington, com o primeiro vice-presidente da Coca-Cola, a tratar de questões de integridade, para que a Coca-Cola assumisse, de facto, uma postura mais ativa em prol da integridade desportiva... A dado ponto ele pediu-me para fazer um intervalo. As notícias da intervenção do FBI em Zurique já tinham eclodido. Quando regressou, estava branco. Os consumidores estavam a pedir satisfações e a protestar, questionando como é que era possível a Coca-Cola associar-se (porque era um dos principais patrocinadores) a uma *organização criminosa*?

JMD — É possível que a SIGA seja um meio eficaz, no Brasil, e vou dizer isto da forma mais diplomática que consigo, onde existe uma fortíssima economia paralela, que também contamina o desporto?

— Percebo o juízo que está sub-

jacente à sua declaração, de facto muito diplomática. Nós chegámos ao Brasil depois de contactos feitos antes da pandemia. Em fevereiro de 2023, recebi contactos por parte de uma organização, que serve de chapéu a vários patrocinadores brasileiros, o *Pacto pelo Esporte*. Estes queriam continuar a investir no futebol e no desporto, mas sentiam-se desconfortáveis com o facto de grande parte das organizações desportivas não darem garantias de boa governança e de integridade. Foi por isso que nos pediram que criássemos aquilo que é hoje a SIGA LATIN AMERICA, e procurássemos, através da nossa caixa de ferramentas — os padrões universais, o sistema de *rating*, etc — desenhar um conjunto de requisitos que as organizações desportivas teriam de cumprir para que esses patrocinadores continuassem a investir. Esse foi um momento *game-changer*. Em outubro do ano passado, assinei um acordo de cooperação com o governo brasileiro, para que utilizasse o sistema de *rating* independente da SIGA como filtro, para se determinar quais são as organizações realmente em condições. No dia seguinte, assinei idêntico acordo de cooperação com o Congresso. Em março deste ano, o São Paulo FC, que é um dos maiores clubes do Brasil, tornou-se membro da SIGA e passou a adotar os *standards* universais e o escrutínio da SIGA e a submeter-se ao sistema independente de *rating* e verificação. Trata-se um clube que lidera, dando o exemplo. Um clube que não foge, não se esconde, nem se acantona. E é esse passo que quero que os outros clubes deem. Há dois meses, depois de uma série de conversações, também a CBF assinou conosco um acordo de cooperação para adotar os nossos critérios universais e submeter-se ao sistema de *rating*. Já estamos a desenvolver o *Estudo Independente sobre o Futuro do Futebol no Brasil*, que abarca todas as áreas-chave. Daqui a um ano, espero ter este *mapa da mina* pronto para ser implementado. O Brasil tem de dar passos em frente, e agora, com a atribuição da organização do Mundial Feminino da FIFA, maiores são as responsabilidades e mais intensas as necessidades de produzir resultados.

JMD — Alegações finais...

— Através de A BOLA, exorto os governos, as Ligas, as Federações, os clubes, os seus dirigentes, os atletas, para que percebam o sentido e alcance desta fase que estamos a atravessar. Estamos disponíveis para trabalhar com todos. Não para julgar, impor ou ditar. Mas para propor, convencer e estimular este salto qualitativo. É agora ou nunca!